

Redação - Rua Fagundes, 196
Telephone 7-4670
Caixa Postal, H

Director M. SAMESIMA

NOTICIAS DO BRASIL

Proprietario SEISAKU KUROISHI

Assignatura Anno... 605000
" Semestre... 305000
Número do dia... 300 reis

Gerente S. KUROIHI
Editor-chefe E. TENDO

ANNO XXIII

S. PAULO, — QUINTA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO DE 1940

DIARIO No. 2100

Absoluto acordo entre a França e a Grã-Bretanha evindenciou-se na reunião do conselho supremo de guerra

Foram estudados no conclave diversos problemas da actual situação, referentes à direcção geral da guerra

PARIS, 5 (Domei) — A Agência japonesa — O Conselho Supremo de Guerra a filiado, divulgou o seguinte comunicado oficial: «Teve lugar, hoje, em Paris a quinta reunião do Supremo Conselho de Guerra. O Conselho reuniu-se de manhã e mais tarde. No decorrer do dia, reuniu-se as deliberações. A França esteve representada por Daladier, Campinchi Guy Dachambre e Chaptier de Ribes, acompanhado dos chefes Alexis Legge Gamelin, Darlan, Vullémin e Decamp. A Grã-Bretanha esteve representada por Chamberlain, lord Halifax, Churchill, Stanley e

sir Kingsley Wood, acompanhados de sir Ronald Campbell, sir Alexander Cadogan, sir Dudley Pound, sir Edmund Ironside; marechal do Ar. Pierre, major-general Ismay. Os delegados britânicos foram recebidos pelo sr. Daladier, o qual disse lamentar que o recente acidente que torna vítima, o impede de seguir a Inglaterra para que nesse país se realize a reunião do Conselho. O sr. Chamberlain manifestou as simpatias dos representantes britânicos para com o sr. Daladier e a sua satisfação pelo seu rápido restabelecimento.

O Conselho Supremo de Guerra examinou, sob todos os pontos de vista, os diversos factores da actual situação, no que toca à direcção geral da guerra. Deu-se particular atenção a várias questões, dentro do espírito de intima colaboração em que está inspirada a ação dos dois governos, com o objectivo de assegurar uma existência maior, autêntica colaboração franco-britânica. Deu-se igualmente especial consideração às questões do abastecimento, chegando-se a um acordo completo em todos os casos estudados.

O REICH ESFORÇA-SE PARA QUE SEJA REAFFIRMADA A NEUTRALIDADE DOS BALCANS

O governo teuto acompanha com vivo interesse os trabalhos da reunião de Belgrado

Embora se considere como certo, aqui, que a Alemanha apoia moralmente a Rússia, em Belgrado assegura-se que o Reich não assumirá compromisso visando a alteração do «status quo» dos Balcanes.

A propósito, as esferas opáticas sustentam que são praticamente impossíveis quaisquer garantias alemãs à Rússia, por se ter a convicção de que elas provocariam, com toda a certeza, um choque entre os interesses e os planos italiano e alemães, na região balcânica.

Berlim continua observando, com profunda atenção, os acontecimentos ligados à assembleia de Belgrado, mas as informações que sobem a público nos jornais alemães parecem a delinear questão revisionista para

muito escassas.

Em geral, os despachos versam sobre os antecedentes da Conferência, sem abordar questões concretas. Desse modo, o leitor não forma a menor ideia sobre o indiscutível interesse para o Reich, que as deliberações da conferência apresentam.

A atitude da Alemanha, quanto à reunião de Belgrado, é a do maior paiz banhado pelo Danúbio, que vigia, com a máxima atenção, os acontecimentos, em seu espaço vital.

Embora a Alemanha não pretenda desinteressar-se da Conferência de Belgrado, considerar-seá perfeitamente satisfeita, se dela se debaterem questões apenas formais, deixando a delicada questão revisionista para

ser resolvida em futuras reuniões.

O que Berlim espera, sobretudo, de Belgrado, é a reafirmação da neutralidade balcânica, motivo pelo qual não se pôde duvidar que o Reich exercerá, na sombra, a influência necessária para isso.

O Reich manifesta-se também desejoso de melhorar as suas relações com os Estados balcânicos, ao que se oppõem, segundo os círculos alemães, a Grã-Bretanha e a França que estão fazendo o possível para alterar a ordem de coisas existente, para levar os inocentes países balcânicos à guerra, para que possa assim a plutocracia manter-se.

PROBLEMAS DO MAR BALTICO

Na história do Báltico e das nações que a esse mar tem acesso houve três acontecimentos de importância nestes últimos cincuenta anos: o primeiro foi a construção do canal de Kiel permitindo, com grande economia de tempo e de combustível, a passagem de navios de guerra alemães do mar do Norte para o Báltico; o segundo foi a independência da Finlândia e demais repúblicas bálticas em consequência da desagregação do império moscovita; o terceiro foi a campanha de conquista levada a efeito pela Rússia contra a Finlândia, campanha que estreou o mundo pela sua brutalidade mas que, em contrapartida, permitiu ao mundo assistir à heroica resistência do povo finlandês.

Quando a Inglaterra cedeu a ilha de Heligoland à Alemanha, longe esteve de pensar que pudesse um dia transformar-se numa base naval importante. Por volta de 1899 iniciou a Alemanha o programa naval, que no decorrer do tempo, foi assumindo

importante desenvolvimento até 1914. Era o chamado plano von Tirpitz. O canal de Kiel, grande obra de engenharia, constituiu um meio de auxiliar a Alemanha dominar futuramente no mar Báltico, onde, no entanto, havia outra esquadra de majestosas proporções, a russa. Quando a guerra russo-japonesa deflagrou, confiou-se que Guilherme II instaurou seu primo o czar Nicolau de todas as Russias a enviar para as águas asiáticas a excelente esquadra do Báltico, para fazer valer o prestígio da civilização ocidental. Aceito o conselho, o resultado foi a derrota e o desaparecimento da esquadra do Báltico nas águas de Tsushima... Ficou a Alemanha senhora inconteste das águas bálticas até os dias presentes. Essa hegemonia, porém, poderá ser posta em cheque pelos planos expansionistas russos, agora gravemente prejudicados pela resistência da Finlândia. Quando a Alemanha incorporou o território de Memel à

«Deutschland», falou-se que iria iniciar ali a construção de uma grande base naval, uma nova Gibraltar, destinada a assegurar o domínio alemão no mar Báltico. Ora, essa base, se for construída, só poderá ser utilizada contra a Rússia, porque não é cruel que o seja em relação à Suécia, Finlândia, ou às Repúblicas bálticas. Na realidade, porém, as nações escandinavas e as repúblicas bálticas devem a estas horas estar recebendo manobras russas. De todas a que, depois da Finlândia, deva sentir-se mais ameaçada é a Suécia, dotada de um solo rico de minérios, uma indústria de primeira ordem e cujo povo é francamente sympathetic à Finlândia, na guerra que sustenta contra a Rússia. Nos países nórdicos preconiza-se um movimento de maior união em face do perigo. Assim, a Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Finlândia unidas, poderão levantar uma barreira forte à expansão russa e, do mesmo passo, poderão melhor resguardar os seus direitos de neutr

alidade. As informações, é verdade, foram objecto de uma rectificação japonesa, rectificação segundo a qual nenhuma notícia a respeito tinha chegado «officialmente» a Tókio. Acrescentava-se a propósito que a conferência de Budapest nada tinha de excepcional, devendo tratar exclusivamente de questões de rotina. Effectivamente, os diplomatas japoneses em missão na Europa costumam reunir-se periodicamente para comparar as suas informações e as suas impressões, mas não é menos certo que foi precisamente no correr de

Edição Brasileira

Tradução dos artigos principais em língua japonesa

tros. Nas repúblicas bálticas, verificou-se a ratificação de populações alemãs para o território alemão, de maneira que o «hobereau» báltico cedeu lugar ao agente do Kremlin..

Assim, quanto maior for a expansão russa no Báltico, mais ameaçada será a hegemonia alemã nessa região. No entanto, Berlim e Moscou estão estando em entendimentos que parecem ter sido cordiais. No caso

Como quer que seja, as nações escandinavas reconhecem que no Báltico existem interesses seus de grande monta e que terão o direito e o dever de resguardar. Tem elas ali o seu «espaco vital». Qualquer modificação do «status quo» báltico seria um golpe sério à economia dos países escandinavos que, embora neutros, estão padecendo muito com as perdas sofridas em sua marinha mercante.

NOVO BLOCO ANTI-KOMINTERN

O jornal japonês «Asahi» publicou, como se sabe, a notícia de que o conde Ciano, recebendo o embaixador do Japão antes da partida deste para a conferência de Budapest, lhe tinha proposto a formação de um novo bloco anti-Komintern, com a exclusão da Alemanha.

Desde o dia 22 desse mês, era possível constatar-se os esforços empregados pela Itália para juntar os destroços da liga anti-Komintern, despedaçada pela aproximação nazi-soviética e assinalada-se a propósito que as simpatias de Roma pela Finlândia, o telegramma do conde Ciano ao Dr. Wang Tching-Wei, as relações italo-nipponicas e finalmente a conferência Italo-húngara de Veneza constituíram outros tantos indicios de que se estava estudando a possibilidade de se formar, sob a égide do governo fascista, um novo agrupamento entre os signatários do pacto entre os países signatários do pacto, com a exclusão do Reich.

A informação do jornal japonês é confirmada de outro lado por uma notícia de fonte britânica, segundo a qual a conferência dos embaixadores e ministros japoneses acreditados na Finlândia, a Suécia e a Romênia por objetivo a criação de uma entidade anti-bolchevista, entre os países signatários do pacto, com a exclusão do Alemanha.

Essas informações, é verdade, foram objecto de uma rectificação japonesa, rectificação segundo a qual nenhuma notícia a respeito tinha chegado «officialmente» a Tókio. Acrescentava-se a propósito que a conferência de Budapest nada tinha de excepcional, devendo tratar exclusivamente de questões de rotina. Effectivamente, os diplomatas japoneses em missão na Europa costumam reunir-se periodicamente para comparar as suas informações e as suas impressões, mas não é menos certo que foi precisamente no correr de

uma dessas reuniões que se estudou o pacto anti-Komintern, que foi estudado também a questão da sua assinatura pelo Japão e que mais tarde, em maio de 1938 e no começo de 1939, os embaixadores do Japão em Berlim e Roma tentaram a induzir os seus colegas a propor a transformação desse pacto em aliança militar. Não é verdade, portanto, que essas conferências diplomáticas não tenham senão um interesse secundário, muito longe disso, e a conferência de Budapest, pelo logar escolhido e pelas circunstâncias em que ha de se realizar, será sem dúvida particularmente importante.

Os círculos competentes de Paris afirmam que, em primeiro logar, se teria ventilado a hipótese de se reunir a conferência em Roma, mas se explicaria senão no caso dos dois países realizarem uma política paralela ou previamente concertada em relação à URSS, da qual ambos, o Japão e a Hungria, são vizinhos, dado que, sob qualquer outro ponto de vista, as relações e o intercâmbio hungaro-nipônico são perfeitamente insignificantes.

Desde o começo, entretanto, ad-

mitiu-se que os problemas internacionais levantados pela URSS constituiriam o programa da conferência de Budapest, visto como a Alemanha solicitava do Japão uma aproximação com a Rússia, enquanto a Itália contava explicitamente com a amizade de Tokio para constituir, implicitamente ou não, uma frente contra a expansão bolchevista.

Logo à sua chegada à Budapest, o embaixador do Japão em Roma fez ao jornal governamental húngaro «Új Magyarorság» uma declaração em que afirmava o extremo interesse do Japão pela Hungria. A insistência com que esse tema foi desenvolvido não se explicaria senão no caso dos dois países realizarem uma política paralela ou previamente concertada em relação à URSS, da qual ambos, o Japão e a Hungria, são vizinhos,

mas que, no entanto, não se pode negar que o Japão e a Hungria, são vizinhos,

que o Japão é um dos países que mais

interessam ao Japão e que a Hungria

é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam

ao Japão e que a Hungria é um dos países que mais interessam

ao Japão. O que é certo é que o Japão

é um dos países que mais interessam